

VAMPIROS: O MITO É O NADA QUE É TUDO E DE TODOS

VAMPIRES: THE MYTH IS NOTHING THAT IS ALL AND FOR ALL

Salma Ferraz

Professora do Depto. de Língua e Literaturas Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Membro da Associação Latino-Americana de Literatura e Teologia (ALALITE)

Coordenadora do Núcleo de Estudos Comparados entre Teologia e Literatura (Nutel), UFSC

E-mail: salmaferraz@gmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende analisar a evolução da literatura vampiresca, começando pelo que chamamos de Vampiros Pré-Drácula, por *Drácula* de Bram Stoker, *Entrevista com o Vampiro* e *Vittório*, *O Vampiro* de Anne Rice, *Crepúsculo* de Stephenie Meyer e terminando com alguns textos escritos para o público infantil.

Palavras-chave: Literatura de terror. Vampiros, tradição e ruptura. *Drácula* a *Crepúsculo*.

ABSTRACT

This article aims to analyze the evolution of vampire literature, beginning with what we call Pre-Dracula Vampires, by Bram Stoker's *Dracula*, *Interview with the Vampire* and *Vittorio*, *The Vampire* by Anne Rice, *Twilight* by Stephenie Meyer and ending with some texts written for children.

Key-words: Literature of terror. Vampires. Tradition and rupture. From *Dracula* to *Twilight*.



Bram Stoker

O sangue no olhar do vampiro
E as juras de maldição.

Raul Seixas, Gitá

1 GÊNESIS RUBRO

No ano de 2012 comemorou-se o centenário da morte deste monstro da literatura irlandesa e ocidental: Abraham "Bram" Stoker (1847, Dublin – 1912, Londres). Diversas homenagens pelo mundo todo estão sendo feitas a Stoker, genial criador, ou melhor, consolidador de outro monstro entronizado no imaginário ocidental: o vampiro.¹

O vampiro nasce com um pé, ou melhor, com um canino na literatura gótica (*gothic novel*) e outro na literatura fantástica. Reunindo contos, lendas, crenças, superstições de todas as épocas e de todas as culturas (Índia, Roma, Grécia, China, Malásia, Leste Europeu, África, Mesopotâmia), completamente interdependentes entre si. É só no final do século XVIII, início do século XIX, que o ser sedento de sangue ganha o *status* literário. Às dezenas de lendas e crenças milenares, acrescentem-se a publicação dos escritos do padre beneditino, exegeta

católico, Dom Augustin Calmet, intitulado *Dissertation sur les apparition des anges, des demons et des esprit, et sur les revenants et vampires de Hongrie, de Bohême, de Maravie et de Silésie* em 1751. Com um pé na ciência e outro no imaginário popular, Calmet foi criticado por seus pares, mas seu livro se tornou um *best-seller* utilizado pela futura geração de escritores desta temática. Acrescentem-se também as lendas surgidas em torno da existência real Vlad III, nascido na Transilvânia, o príncipe da Valáquia (1431-1476), conhecido como Vlad, *o empalador*, em romeno *Vlad Tepes, ou Drácula* que foi príncipe da Valáquia por três vezes. Era um Cavaleiro Cristão que combateu a invasão islâmica na Europa. Sádico, ele empalava os seus inimigos, mas ao mesmo tempo erguia conventos. Morreu lutando contra os turcos, foi decapitado e sua cabeça enviada a Constantinopla. Foi enterrado em Bucareste. Mais tarde, em 1931, arqueólogos encontraram o túmulo, mas o corpo de Drácula havia desaparecido.

Cabe esclarecer que o vampiro, tal como o conhecemos na ficção, nasceu num lugar específico: a Europa Centro Oriental, nos países eslavos, sua imagem cristalizou-se entre final do século XVII e início século XVIII. A própria palavra *vampir* procede do idioma sérvio. Em países como Romênia, aconteceram verdadeiros surtos de vampirismo, tendo o governo austríaco interferido com uma comissão de especialistas para investigar os casos de vampirismo e exumação de cadáveres. Cadáveres eram exumados, decapitados e estaqueados. Em 1755, a Imperatriz Maria Teresa, da Áustria, encarregou seu médico pessoal de investigar este surto. Swieten, concluiu que tudo não passava de histeria e a partir de então foi proibida a exumação de cadáveres. No entanto, a Europa das Luzes não conseguiu vencer o mito das trevas, fortemente, enraizado nas crenças e tradições populares.

Os caninos temáticos que sustentam a ficção vampírica são: vida, morte, imortalidade, sedução, sexo, salvação e perdição, violência, terror e prazer, temas estes caros aos seres humanos. Em geral, são todos ricos, aristocratas, belos e magros. Não existe vampiro pobre, gordo e feio! As tramas se apresentam como narrativas em moldura: aparece um quadro quase teatral, uma cena, alguém se lembra de algo do passado e uma nova estória começa. Na *Bíblia*, explicitamente em *Levíticos 7:27*, o ato de beber sangue é duramente condenado: *Toda pessoa que comer algum sangue será eliminada do seu povo*. Este texto de *Levíticos* remete ao livro de *Gênesis 9:4*: *Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis*. Portanto, no sangue está a vida. E a ficção vampira é vermelha, há muito sangue em cada conto, uma gota de sangue em cada página, um pescoço a cada esquina, um olho vermelho sempre à espreita!

2 O VAMPIRO PRÉ-DRÁCULA

Mas, já havia vampiro na literatura antes de Drácula, já havia vida, ou melhor, já havia não-vida, antes de *Drácula* de Stoker, romance publicado em 1897. Ao denominar a produção existente antes de Drácula, Martha Argel e Humberto Moura Neto em seu livro *O Vampiro Antes de Drácula*, usam o termo pré-literário. Creio que o termo mais exato seria o vampiro Pré-Drácula.

Entre dezenas de textos ficcionais Pré-Drácula, citamos apenas três textos de nossa preferência 1) *The Vampyre* do médico e escritor inglês John Polidory (1819), *A Família Vordoulak* (1839) do dramaturgo russo Alexei Tostói, e *Carmilla* (1872) do escritor irlandês Sheridan Le Fanu.

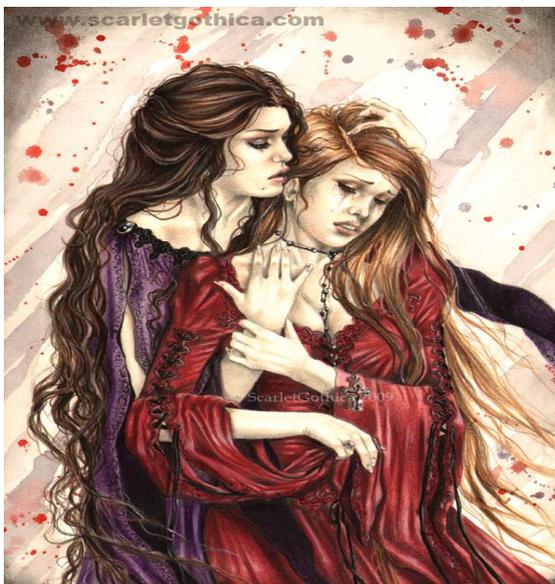
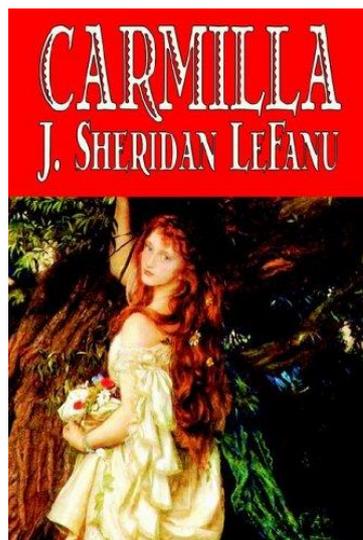


Ilustração atual de Carmilla.

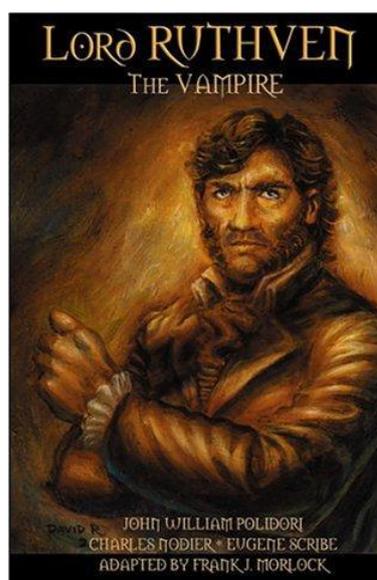
Carmilla sempre foi um texto muito a frente de seu tempo, por retratar de uma maneira natural e nada discreta, sem nenhum questionamento moral que era próprio da época, uma vampira homossexual e pedófila já que ataca Laura quando esta tinha apenas 6 anos. Carmilla (*não existe amor que não seja cruel e egoísta (...) vivo em você, e você morrerá por mim. Eu a amo tanto*) é um Don Juan de saias e Laura, a falsa pura, que a princípio nos parece uma donzela ludibriada por Carmilla, aceita a corte e finge não ver todos os indícios de que algo está errado, como, por exemplo, a semelhança do retrato da Condessa Millarca com Carmilla. Aqui a mordida da Vampira é no seio da amada o que conota maior sensualidade ainda. O conto foi escrito com cenas arrepiantes, carruagens suspeitas, castelos mal

assombrados, acidentes, mortos, festas de máscaras. Todos são nobres, e Carmilla é a mortaviva Millarca, Condessa de Karnestein. Le Fanu usa o general Spielsdorf, um dos primeiros caça-vampiros da ficção, que perdera sua única sobrinha para a vampira. Ele foi contemplado com mente dedutiva para resolver o mistério da morte da vampira, da morte de sua sobrinha e da doença da pseudo ingênua Miss Laura. Le Fanu não usa um padre para destruir o corpo da vampira, mas sim um general.



Capa do livro

O que impressiona, frisamos é a naturalidade do homossexualismo de Carmilla. Naqueles idos tempos de 1872, exatos 140 atrás, não era preciso postar fotos no Instagram nem sair na capa da Veja. Carmilla já sabia que “o importante era ser feliz.”



Capa do Livro

John Polidori (1795-1821), médico e escritor inglês, (que era secretário e médico particular de Byron), foi um injustiçado relativamente à paternidade do Vampiro. Criou o magnífico Lorde Ruthven, colocando nele aspectos da biografia do poeta britânico Lord Byron (1788-1824), retirando o vampiro grotesco da periferia da zona rural e criando o arquétipo do vampiro: conde cidadão, rico, aristocrata, viajante e sedutor. O conto foi injustamente atribuído a Byron, e chegou à França obtendo imenso sucesso e muitas adaptações, ajudando a consagrar o nome de Byron. Além de ter sofrido esta injustiça, Polidori teve aquilo que eu denomino de três grandes azares:

1. conviver ainda muito jovem com a personalidade forte e o gênio criativo de Byron, sofrendo críticas por parte deste;
2. no famoso verão chuvoso, no qual diversos poetas, a convite de Byron se reuniram na Villa Diodati, na Suíça, intelectuais como Byron, Mary Shelley e Polidori estavam presentes e foram desafiados por Byron a escrever histórias fantásticas. Durante este verão chuvoso e mal assombrado, simplesmente nestes dias, Mary Shelley iniciou a escrita de *Frankenstein*, Byron rascunhou um fragmento de um conto. Como Polidori poderia escrever algo para competir com *Frankenstein*?
3. o terceiro e último azar: ao publicar seu conto *The Vampyre*, três anos depois em 1819, a partir do fragmento do conto de Byron, vê-lo ser atribuído a este e receber diversas adaptações e continuações – *fanfic*. Polidori, tão criticado e menosprezado pela língua afiada de Byron vai ajudar a consolidar o nome de Byron na França. Não é à toa que tirou sua própria vida muito jovem.

Podemos tentar dar o resultado do DNA do vampiro e acalmar os ânimos dos contentores de sua dupla paternidade: Polidori, o pai biológico do vampiro que o apresentou à Inglaterra e França no século XIX e Stoker o pai de criação do Vampiro, quem cuidou e o alimentou, apresentando-o ao ocidente e ao mundo no século XX.

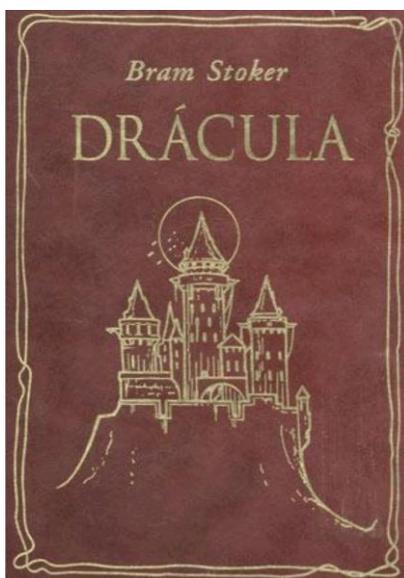
3 DRÁCULA: O VAMPIRO DE CAPA PRETA

O romance de Stoker surge, quase que ao mesmo tempo, que o cinema, talvez isto explique porque a temática vampiro foi uma das mais utilizadas pelos diretores de Cinema. Calcula-se que haja aproximadamente 300 filmes sobre vampiros no mundo todo. Citá-los e comentá-los daria outro ensaio. Mas centremo-nos no romance de Stoker.



**Cena do Filme *Drácula* de Francis Ford Coppola, 1992
Gary Oldman e Winona Ryder.**

Stoker encontra um corpus literário vampiresco já consagrado na época em que escreve *Drácula*, e, genialmente, concebe seu vampiro, trabalhando a partir do material pré-existente. Acrescenta detalhes riquíssimos: o vampiro só dorme em terra nativa, tem medo do espelho, não entra sem ser convidado numa casa. Ele também consagra a ligação do Vampiro com o morcego em sua obra.



Capa do Livro

O livro é composto em forma de cartas, que são trocadas entre os protagonistas. À medida que o romance se desenvolve, as cenas vão se tornando mais rápidas e tensas. Drácula sai da Transilvânia para invadir Londres, vampiriza Lucy e Mina, com o *batismo de sangue* (*E você, pertence agora a mim, carne de minha carne; sangue de meu sangue, estirpe da*

minha estirpe...). Ressalto as cenas mais emocionantes e concebidas para serem adaptadas para a tela: 1) a chegada de carruagem de Jonathan Harker ao Castelo; 2) A cena em que os Cavalheiros do Apocalipse esperando Lucy retornar à tumba (é a minha favorita). Por outro lado, quanta cortesia, quanta nobreza daqueles cavalheiros protegendo Lucy e Mina. Ah, não se fazem mais homens como no tempo de Drácula! Homens que dão o sangue pela saúde e honra de uma mulher! Da composição de personagens todos são riquíssimos, mas destaco Mina, uma mulher com cérebro de homem, segundo a colocação de Van Helsing. Corrigiria Van Helsing, “Mina é uma mulher brilhante com cérebro de mulher, aliás, cérebro não tem sexo”². Destaco também Van Helsing, um detetive criado na esteira de Sherlock Holmes. Sir Conan Doyle criou Sherlock Holmes, com seu poderoso cérebro dedutivo no romance *Um estudo em Vermelho*, publicado em 1887, dez anos antes de Stoker criar Van Helsing. Não podemos aventar esta hipótese – que Stoker conhecia a obra de Doyle, mas o cérebro dedutivo do caçador de Vampiros Van Helsing – filósofo, metafísico, médico, é o mesmo de Sherlock Holmes. Em *Drácula* ninguém trabalha, com exceção de Jonathan Harker, todos são ricos, vivem em mansões, recebem heranças e possuem muito dinheiro. O suborno é algo corriqueiro, os nobres subornam a todos e a tudo para facilitar as viagens e a defesa da querida Mina. Embora o caçador de Vampiros, seja o médico Van Helsing, um cientista, a religião assume em *Drácula* um papel preponderante no combate aos o ser das trevas. Abundam crucifixos, orações, citações e metáforas bíblicas. Os cinco cavalheiros (Van Helsing, Seward, Quincey Morris, Arthur e Jonathan) que defendem as duas jovens – Mina e Lucy – parecem Cavaleiros do Apocalipse, se autodenominam *ministros da própria vontade de Deus, Cavaleiros das Antigas Cruzadas*. O nome de Deus é invocado por todos (*Deus Infinito, Deus misericordioso*) e a *Sagrada Hóstia* veda os túmulos dos vampiros, ocorre a leitura da *Prece Dos Mortos*. Van Helsing é um cientista que não desdenha daquilo que a razão não consegue explicar.

O figurino do vampiro é o que denominamos de **vampiro da capa preta**: cor pálida, alto, magro, nariz aquilino, dentes brancos, boca dura e cruel, orelhas pontiagudas, unhas longas, sobrancelhas enormes, lábios vermelhos, caninos salientes, mau hálito, tufo de pelos nas mãos brancas e finas, e a indefectível capa preta.

Drácula sente atração por Mina e Lucy, mas também por Jonathan Harker, pois não deixa que as vampiras o toquem no castelo (*Este homem me pertence*). Lucy, já transformada em vampira, suga crianças, é uma mulher fatal, vampira e pedófila.

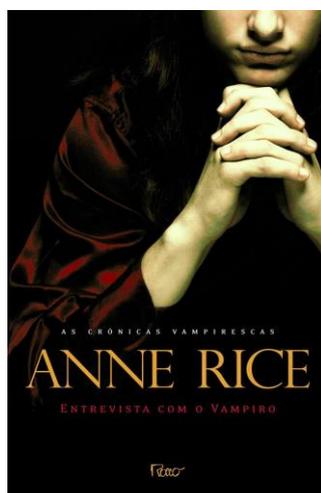
Se em *Vampyre*, Ruthven não morre e triunfa, em *Drácula*, o conde é destruído, a bondade e a beleza triunfam.

4 ENTREVISTA COM O VAMPIRO: A TRINDADE PROFANA E O PROBLEMA DO MAL.



Filme *Entrevista com o Vampiro* com direção de [Neil Jordan](#), 1994.
(Brad Pitt e Tom Cruise)

Anne Rice escreve *Entrevista com o Vampiro* em 1976, quase noventa anos após *Drácula*. A tradução para o português foi feita por ninguém menos que Clarice Lispector. No lugar das cartas de Stoker, Rice usa a forma de entrevista. Louis concede uma entrevista para um jovem que grava tudo em fita num gravador. Retroativamente Louis descreve sua não vida repleta de conflitos e interrogações. Rice recria o mito do vampiro e coloca seus vampiros nos EUA, em Louisiana, Mississipi, Nova Orleans. Louis é um vampiro atormentado pela sua essência: afinal quem sou eu, é a grande pergunta do livro.



Capa do livro

Trata-se de um vampiro filosófico, que à maneira de um Santo Agostinho (354-430), bispo de Hipona, Teólogo e Doutor da Igreja Católica, preocupa-se com a origem do mal. “O mal é sempre possível. E a bondade é eternamente difícil”. (RICE, 1992, p. 20)

Além de preocupar-se com a origem do mal e suas possibilidades, o vampiro Louis, quase um teólogo, preocupa-se com a salvação de sua atormentada alma e com a natureza dos demônios, pois sabe ser ele próprio um deles: “[...] Sou um condenado? Sou enviado do Diabo? Tenho a mesma natureza de um demônio?” (RICE, 1992, p.74)

Lestat, frio e racional, não tem estas inquietações. Pelo contrário, incomoda-se com as divagações teológicas e filosóficas de Louis, mas não foge ao confronto: “**O mal é um ponto de vista [...] Somos imortais. [...] Deus mata, assim como nós, indiscriminadamente**”. (RICE, 1992, p. 88, negrito nosso)

O grande problema de Louis é saber quem ele realmente é. Se YHVH se define no Velho Testamento como “Eu sou o que sou”, Louis quer saber o que ele é, qual é a sua natureza. Lestat sabe muito bem qual a natureza dos vampiros e afirma isto “a natureza do Vampiro é matar”. Para ele os vampiros são “**anjos negros** não confinados aos parques limites do inferno, mas perambulando por Sua terra e por todos os Seus reinos” (RICE, 1992, p.88, negrito nosso)

Se adquire conhecimento do sobrenatural, por outro lado, Louis não consegue se divorciar de vez de sua natureza humana e sensível. O escritor Eça de Queirós no conto *O Senhor Diabo* (1877)³ afirma que o *Diabo é a figura mais dramática da História da Alma* e que o Diabo *tem talvez nostalgia do céu!* O que ocorre com Louis é parecido: Ele tem nostalgia do humano porque só o humano tem acesso ao sagrado, ao divino. É um vampiro que não deu certo, adora a beleza e a eternidade dos vampiros, mas inveja a crença na salvação, crença e esperanças estas só possíveis aos humanos, inveja a mortalidade destes seres. Sua trajetória vai do nada ao nada. Pensamos nele como o grande fraco do romance, mas isto é um engano fabuloso criado por Rice. Ele é o grande fraco-forte, o personagem mais denso psicologicamente, porque engana Armand e Lestat, dizendo que estava curado, que não sentia mais nada, que o humano nele morrerá juntamente com os cachos loiros de Claudia. Pura mentira e das boas! No final, ele devolve o bebê que estava com Lestat, para não repetir o mesmo erro que havia cometido com Claudia. Ele também recusa transformar o entrevistador em Vampiro. Ele consegue força na sua fraqueza. Nunca será um vampiro completo, porque nunca conseguirá apagar sua essência fortemente humana. Ele é um vampiro demasiadamente humano. Poderia citar duas cenas muito fortes do romance: 1) Louis

dentro da Igreja, proclamando-se o único imortal ali: “Deus não vivia naquela Igreja. As estátuas transmitiam a imagem do nada. Eu era o sobrenatural naquela catedral. Era a única coisa imortal que jazia consciente sobre o seu teto!” (RICE, 1992, p. 137)

Na sequência desta fala, ele profana a Igreja, matando o Padre. A segunda cena que cito é a da menina Claudia que brincava com bonecas, envenenando dois anjinhos órfãos com absinto, preparando uma armadilha para Lestat, que ao beber do sangue contaminado passa mal, dando a oportunidade para que a angelical Cláudia, com uma faca, rasgue a garganta do vampiro, matando-o. Cláudia é a criatura que se revolta contra o seu criador, revivendo Frankenstein em sua revolta contra Victor, seu criador, revivendo Lúcifer e sua revolta contra Deus criador.

Rice rompe todas as barreiras sexuais. Lestat prefere sugar jovens, é um vampiro predador, frio e calculista: “O mal é um ponto de vista... Somos imortais. [...] Deus mata, assim como nós indiscriminadamente”. (RICE, 1992, p. 88)

Porém, para mim, a maior criação de Rice é a vampira Claudia, uma criança/mulher predadora, que recapitula a revolta da criatura contra o criador (Lestat). *Femme fatale*, intelectual que lê Aristóteles. Ela concilia em si, a beleza angelical com seus cachos loiros e uma mente perversa e ávida para matar. Uma menina que brinca com bonecas, mas possui olhos adultos, seduzindo homens. Uma fêmea fatal no corpo angelical de uma menina. São muitos os sentimentos a que unem a Louis: amor filial, complexo de Electra, ela se apaixona por ele. Os sentimentos deles são confusos: de pai para filha, de amante para amante. Louis, atormentado pelo peso da morte de seu irmão por toda a eternidade, Claudia, uma mulher fatal, aprisionada num corpo de menina. **O estilo do vampiro aqui é o vampiro metrossual-ariano-fashion**: elegantes, roupas com babados, lenços de seda amarrados ao pescoço, cabelos compridos e cacheados, rendas, laços, olhos verdes, alto, branco. Louis tem o rosto de mármore polido, já Lestat parece um inocente anjo bíblico, rosto belo e sedutor, olhos cinza. Claudia é loira, cabelos encaracolados, usa chapéus, luvas, veludos, roupas finas e caras. Louis, Lestat e Claudia se vestiam segundo a última moda de Paris. Eles não temem rosários, igrejas, crucifixos ou imagens de santos, e podem ver suas imagens no espelho.

Os vampiros ao morrerem como humanos e viverem como imortais perdem, na literatura de Stoker e Rice, a sexualidade. Não comem, e seu sexo não tem mais nenhuma função. O ato de sugar cumpre estas duas funções: comida e sangue. É um delírio orgástico, o ato de sugar o sangue de outro. Se o vampiro perde o poder de ereção de seu órgão sexual, ganha no lugar dele, dois outros: dois incisivos sempre eretos. Sua sexualidade passa do sexo para os dentes. O sangue que sai das gargantas das vítimas é o sangue do defloramento. Com a mordida realiza dois desejos ao mesmo tempo; fome e sexo.



5 VITTORIO: O VAMPIRO TEÓLOGO E REDENTOR DOS HUMANOS.

Louis, em suas preocupações filosóficas e teológicas é o embrião de outra magnífica criação de Anne Rice, o vampiro Vittorio. *Vittorio, O Vampiro*, faz parte da série denominada *As Crônicas Vampirescas*. O romance foi publicado em 1999, portanto 23 anos após *Entrevista com o Vampiro*. Vittorio era apaixonado pelo quadro a *Coroação da Virgem* de Fra Filippo, tendo quase desmaiado quando contemplou o quadro pela primeira vez.



Coroação da Virgem, Fra Filippo

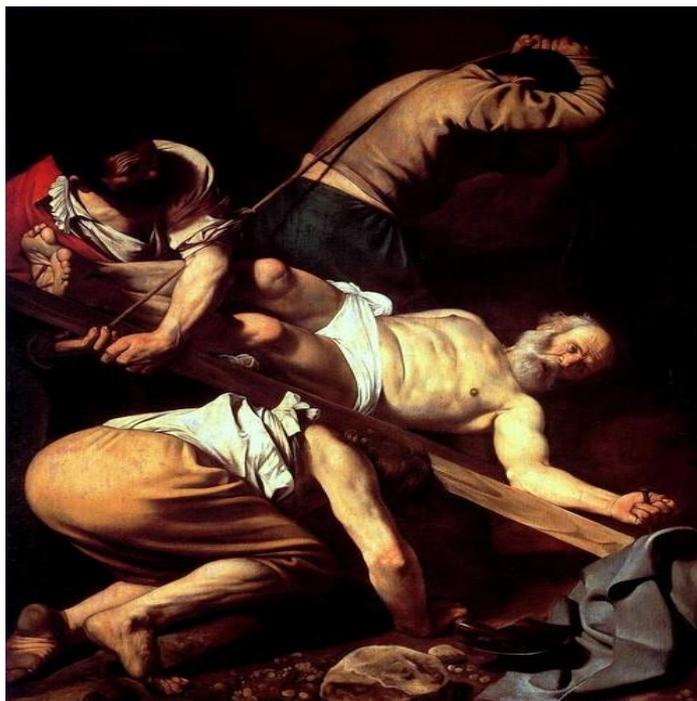
Vittorio é um teólogo por excelência e o mais pio vampiro cristão que se tem notícia dentro da literatura vampiresca. Tem cerca de quinhentos anos e em sua vampiresca existência, tendo morrido em 1450, viu entre outras coisas a realização do Concílio de Trento (1545 a 1563), acompanhou os grandes pintores (Donatelo, Fra Filippo, Fra Angelico), apreciava grandes obras como *A Divina Comédia*. Nascido na Renascença italiana, afirma que escreve um livro para dizer que nenhum vampiro é feliz e que a beleza é a perdição destes. Defende a tese, de que um vampiro tem alma, apesar de tanto sangue. Angustia-se com a própria escrita.

Vittorio entendia e estudava latim, grego, filosofia e teologia, ouvia sermões, representou Isaac em peças teatrais quando criança, adorava músicas, catedrais e capelas. Quando criança conheceu A Legenda Dourada, vários livros de missas e livros de devoções. Acreditava em Deus e na Santíssima Trindade, rezava e invocava o Anjo da Guarda. Sua rica e preciosa família foi destruída por um ataque de demônios/Vampiros, porque seu Pai se negou a entregar-lhes o dízimo negro (o pagamento em forma de uma vida humana para poupar os demais membros da família e da aldeia). Úrsula, uma vampira o salva da chacina. Ele parte de sua terra para destruir os vampiros e vingar a morte de sua família. Chega a uma cidade, Santa Maddalama, na qual não há nenhum aleijado, nenhum doente e as vítimas da peste são supostamente removidas para outra localidade.

Nesta cidade, demonstra conhecer profundamente a *Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino, especificamente, o Primeiro Tomo que trata dos anjos caídos. Mas o padre daquela cidade não lhe dá ouvidos.

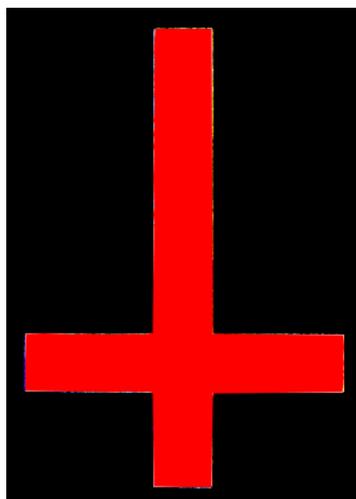
Logo vem a conhecer uma corte de vampiros, a chamada Corte do Graal de Rubi. Esta corte de demônios vampiros lembra o próprio Inferno descrito por Dante, numa paródia grotesca do Graal, cálice em que Jesus bebeu sua Última Ceia, e na qual José de Arimateia teria recolhido o sangue de que escorria de Jesus na cruz. Nesta corte infernal, Lúcifer é adorado, o cálice sagrado do Graal é substituído por um caldeirão alimentado pela doação do sangue dos vampiros. Os condenados são obrigados a beber desta porção pastosa e são sacrificados numa missa negra, são crucificados na cruz invertida, símbolo do demônio.

Cabe salientar que no começo do cristianismo a Cruz Invertida era símbolo de humildade máxima, pois o Apóstolo Pedro, não se julgando digno de ser crucificado à maneira de Jesus, pediu para ser crucificado numa cruz invertida, por isto ela é conhecida como a Cruz de São Pedro.



Crucifixão do Apóstolo Pedro, Caravaggio, 1600

Com o tempo a cruz invertida passou a ser o símbolo do chamado movimento anticristianismo, movimento social, político e religioso que fazia frente ao cristianismo. Seu significado se ampliou e hoje passou a representar o anticristo e os movimentos satanistas.



Na corte maldita estão os aleijados, rejeitados, atrofiados e corcundas, velhos e doentes da cidade de Maddalama. A cidade pagava este óbolo aos vampiros, para viverem em paz. Vittorio não aceita a imortalidade e pede o envio dos seus anjos para protegê-lo: “Deus, derrame sua misericórdia. Chore por nós Cristo [...]. Deus, misericordioso, mande os meus anjos.” (p. 116/117)

Mesmo apaixonado por Úrsula, o adolescente aceita ser sacrificado não por amor a ela, mas para liberar os outros condenados e salvar as almas dos vampiros. Vittorio seria sacrificado numa cruz, durante uma missa negra, dentro de uma capela ornada por demônios de todos os lados. A alma de Vittorio é tão pura que ele se oferece para morrer crucificado para salvar os amaldiçoados vampiros. Esta sua bondade faz com que seja rejeitado na Corte do Graal de Rubi. Os vampiros bebedores de sangue, congregação de caras pálidas de lábios rubros, criaturas das Trevas, vestidos ricamente como uma corte francesa aristocrática, em trajes de veludo rubi, não entendem a recusa de Vittorio pela eternidade e rejeitam sua bondade e o ato de morrer por eles.

Ele é banido para o mundo, para ser louco e desacreditado entre os humanos. (*Desnortado e escarnecido. Louco quando poderia ter sido imortal*).

Acorda perturbado, debaixo de chuva em Florença e é conduzido por dois homens ao Mosteiro de San Marco. Quando se aproxima do ateliê de Fra Filippo vê anjos saídos de um dos quadros que ele mais admirava do pintor *A Anunciação*



A Anunciação, Fra Filippo.

Os anjos saem do quadro de Fra Filippo e Vittorio começa a discutir com eles e os homens que o conduzem ao Mosteiro acham que ele está louco. A cena é entrecortada de diálogos truncados, entre Vittorio, os dois anjos e os dois homens. Vittorio lembra-se da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino e sabe que aqueles seres são anjos, etéreos e alados. Ele passa a ser uma espécie de meio imortal, porque mergulhou tão profundamente na Corte do Graal e de Rubi, no inferno, bebeu o sangue maldito dos vampiros, a poção demoníaca, mas ainda continua humano. Passa a ter a faculdade de ver o invisível, por isto vê os anjos de Fra Filippo, mas este dom se transforma numa maldição, pois é considerado louco. Setheus e Ramiel são os anjos de Fra Filippo que protegem Vittorio.

Uma das cenas mais comoventes se passa na biblioteca, para onde Vittorio foge para ler Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Como se sentia mal ao comer e beber água pura e mal perante a luz do sol, duvida se a descida ao Inferno da Corte do Graal de Rubi o tinha transformado num meio-demônio, uma vez que mesmo vendo o sobrenatural, não via seus anjos da guarda. Estaria sua alma condenada? Ele lê Santo Agostinho para Setheus e Ramiel, quando chega Mastema, vestido com capacete, espada e escudo com cruz vermelha. Este é nada menos que o anjo vingador:



Você é o anjo – disse – quem o Senhor dá permissão para brandir a espada [...] você é o anjo que exterminou os primogênitos do Egito [...] Você é o anjo que pode vingar. (RICE, 2000, p. 150)

Entre eles ocorre a discussão de quem deveria liquidar os vampiros da corte maldita. Uma cena digna de cinema ocorre quando Vittorio lê Santo Agostinho, se emociona e chora, Mastema, o anjo vingador afasta o livro para que as lágrimas não o manchem.

A grande pergunta do vampiro teólogo Vittorio e que Louis não chegou a formular é “O Diabo pode voltar para Deus.” (Rice, 2000, p. 154). O livro trata de anjos e demônios, salvação e perdição, a origem do mal e do bem.

Se Louis é o embrião de Vittorio, por sua vez, Vittorio é o embrião da Série “Cristo o Senhor”, que começaria ser publicada em 2005, com *Cristo Senhor: A Saída do Egito*.

6 CREPÚSCULO: O VAMPIRO TPM - TENEEGE-MORALISTA-PURPURINA, MACHISTA, COLECIONADOR DE CARROS

Já a escritora norte-americana Stephenie, Meyer (1973), formada em Literatura Inglesa, casada com um Pastor Mórmon, publica o *Best-seller Crepúsculo*, em 2005, livro este que foi o primeiro da tetralogia: *Lua Nova* (2006), *Eclipse* (2007) e *Amanhecer* (2008). Meyer soube aproveitar toda a riqueza das obras existentes antes dela e teve a grande sacada: modernizar e reatualizar o mito com um novo olhar sobre estes seres admiradores do pescoço alheio. Seu livro foi rejeitado por 14 editoras até ganhar o mundo. Ao recriar um caso de amor entre um vampiro e uma humana, com fortes pinceladas de Romeu e Julieta de Shakespeare, a escritora, com sua narrativa simples e sensível e muito ruim, transformou-se numa Pop Star das Letras, melhor, *autora ídolo*, umas das celebridades mais ricas e famosas do mundo segundo a revista Forbes. Seus livros foram traduzidos em diversas línguas. Seu vampiro é um adolescente que frequenta salas de aulas, adora velocidade, não dorme em caixões, anda de dia, e, principalmente, irá amadurecer (mesmo tendo 100 anos) junto com seu público leitor, já que a escritora compôs uma saga, se é que o enredo pobre e as personagens dignas de deixar Freud revirando no túmulo merecem este epíteto. A humana, tímida e chatíssima Bella Swan se apaixona pelo vampiro Edward Cullen que tem mais de 100 anos.

A mocinha não teme o vampiro, aliás, ela é quem caça o vampiro, insiste em fazer amor com ele, e quer ser transformada em vampira. Seu vampiro é um príncipe *amante à moda antiga* (*Este cara sou eu*), pois só aceita fazer amor com a amada depois de casados. Mesmo tendo desejo pelo sangue da humana amada, ele resiste firmemente.

Com a adaptação para o cinema em 2008, tendo Kristen Stewart no papel de Bella e Robert Pattinson no papel do vampiro enamorado, a saga despertou uma nova febre vampírica entre os adolescentes. Só na estreia do primeiro filme o faturamento foi de 70 milhões de dólares. A sexualidade do vampiro volta ao seu sexo, já que a cena mais esperada de todas – a Lua de Mel – do casal é filmada no Rio de Janeiro. Mas este vampiro é recatado, possui uma

moral quase vitoriana, já que só aceita fazer amor depois do casamento. O erotismo da cena da Lua de Mel é light e está no livro *Amanhecer*. Tudo é sugerido, nada é explicitamente descrito, talvez para não ofender, os padrões morais de certos cidadãos que vivem em Utah, mas Bella aparece com umas marcas roxas no corpo e até a cama quebra. A sexualidade só ocorre dentro do casamento, mas valeu a espera de Bella, pois sua primeira vez aconteceu em toda sua plenitude e nem a cama aguentou... O seu vampiro chatinho se garantiu...

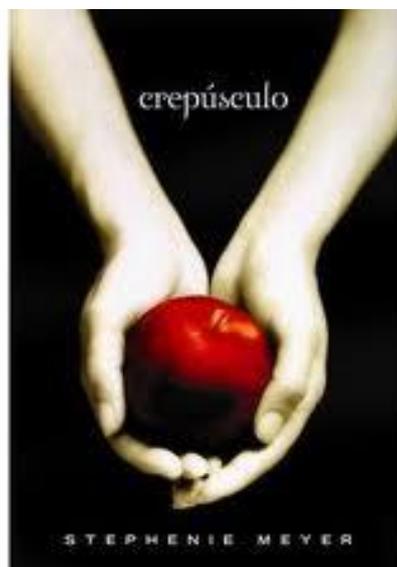
O estilo do vampiro de Meyer é o estilo vampiro com **TPM - tenege-moralista-purpurina, machista, colecionador de carros** (Ferrari, Mercedes, BMW). Sai a capa preta de *Drácula*, saem os laços e fitas de Louis e Lestat e entram o jeans, o jeep, a purpurina e a chatice tepeêmica de Edward. Mais do que uma estória de vampiros, os livros da saga trazem uma estória de amor, acrescida de aventura e suspense. Os vampiros não frequentam castelos góticos e obscuros, nem temem o dia, único detalhe e que a pele brilha quando exposta ao sol. Isto justifica a escolha da cidade de Forks no estado de Washington. Com muita chuva, é o cenário ideal para que a riquíssima família Cullen possa viver. Edward é *vegetariano*, porque se alimenta só de sangue de animais. Além do casal apaixonado, outro homem disputa o coração de Bella - Jacob Black. O triângulo amoroso - Edward - Bella - Jacob deixa o enredo mais apimentado ainda, já que vampiros e lobisomens são inimigos por natureza.

Meyer faz aquilo que o crítico José Paulo Paes em brilhante ensaio definiu como *literatura de entretenimento*. Sua saga não pertence à alta literatura, literatura erudita, por isso não podemos comparar sua obra às de Stoker, Polidori e Anne Rice. Sua obra tem um público e um padrão *best-seller* específicos. Mas o livro é ruim, está muito abaixo de uma boa literatura de entretenimento.

Ocorre que Meyer, esqueceu-se, como professora de literatura, que mesmo escrevendo *literatura de entretenimento*, há necessidade da verossimilhança. E ela comente uns deslizes imperdoáveis, dos quais citamos apenas alguns: 1) A bela mocinha Bella que é romântica e idolatra o vampiro é feminista e é contra o casamento, mas o tempo todo se comporta como uma machista de carteirinha, só seu vampiro importa, mais nada, e isto está mal explicado no enredo; 2) Edward é virgem, embora tenha 100 anos, isto é mais do que inverossímil; 3) a gravidez de Bella não poderia ter acontecido, já que na tradição vampírica, os vampiros não se reproduzem; 4) A explicação de Meyer sobre a vitalidade dos espermatozoides dos vampiros homens - são mantidos intactos os espermatozoides vivos na hora da morte - é de deixar até eu, uma péssima aluna de biologia perplexa!; 5) o machismo de que só vampiros podem engravidar humanas, já que vampiras mulheres precisariam de

renovação para procriar parece recordar uma certa religião norte-americana na qual os homens têm muitas mulheres... Meyer poderia ter mantido um óvulo intacto nas vampiras também; 6) a concepção da vampira-alien, desta menina híbrida, filha de um vampiro e de uma humana, é completamente fora de propósito; 7) a cena de Bella na hora do parto, – um momento difícil para todas as mulheres – sendo rasgada pela vampira-alien, que suga a energia da mãe, rasga seu ventre, quebra sua coluna e costela, faz seu coração quase parar é de um mal gosto incrível. E o grotesco coroa o mau gosto: Edward começa a morder o corpo da amada, para acelerar o processo de transformação de Bella em vampira. Aqui Meyer parece estar potencializando o terror de *O Bebê de Rosemary* (1968), filme de Roman Polanski, no qual uma mulher concebe de um demônio; 8) O interesse de Jacob pela filha de Bella parece coisa de lobisomem pedófilo e não convence nenhum leitor. *Amanhecer* é machista e cansativo e destoa dos anteriores, certos fatos desrespeitam a inteligência do leitor neófito. Talvez sua tetralogia devesse ter permanecido uma trilogia, ou apenas escrito um único livro, ou talvez, nada, já que do primeiro livro, dá para salvar apenas um único parágrafo bem construído.

O livro é chato, cansativo, Bella é uma adolescente pálida, desastrada e chatíssima ao extremo da chatura. Ela é uma *baba-ovo*, ou na linguagem adolescente é uma *puxa saco* e *paga pau* para Edward o tempo todo. O comportamento de Bella, via Meyer, faz com que, neste momento, Simone de Beauvoir, autora de *O segundo Sexo*, esteja se remexendo no túmulo. Bella sofre do *complexo de Eva*, sente-se culpada por desejar o virgem Edward. Não é sem propósito que uma das primeiras capas do livro traga a imagem da maçã. Erro grosseiro, porque não há maçã no relato do Gênesis.



Por outro lado, como um vampiro com mais de cem anos de existência, dono de uma vasta cultura vai se apaixonar por uma moça tão insossa? Ele é quase um pedófilo, dada a monstruosa diferença de idade. Bella não tem personalidade própria, vive em função de Edward, larga tudo, todos os seus planos, para viver em função dele. Deixa tudo por amor.

O crítico Pablo Villaça, editor do portal *Cinema em Casa*, em um documentário intitulado *Cinema em Cena*, usa apropriadamente o termo *crepusculettes* para designar as adolescentes ingênuas e sonhadoras, fãs do crepúsculo da literatura. Como eu invejo a criação deste termo! Mas posso criar o meu – *crepusculecente*, a mistura perfeita: adolescente + aborrescente + crepúsculo.

Segundo Pablo Villaça, a escritora é medíocre, repetitiva, as descrições são infantis, as construções são dignas de um aluno do ginásio, e ele não conseguiu passar das 35 páginas, para dizer categoricamente, o livro é muito ruim.

O crítico conclui sua análise, afirmando que o livro é indefensável: Bella precisa de tratamento psiquiátrico urgente, já que é doente e faz de tudo para morrer, uma suicida em potencial; Edward teria que ser enquadrado na lei Maria da Penha já que é um agressor de mulheres; Jacob teria que ser preso antes de cometer um crime, como pedófilo. Ou seja, as personagens são repulsivas: uma depressiva pré-suicida, um machista e agressor de mulheres e um pedófilo que se apaixona por um bebê.

Thalita Ruko Coelho, aluna da Graduação e leitora voraz de todos os contos e romances vampíricos, usou na sala da Disciplina que ministrou sobre Vampiros na Graduação da UFSC, o termo **Vampiro com TPM**, para designar Edward. Exatamente isto! Perfeito!. *O purpurina* vive tendo achaques de nervos como se vivesse com a tão famosa TPM feminina.

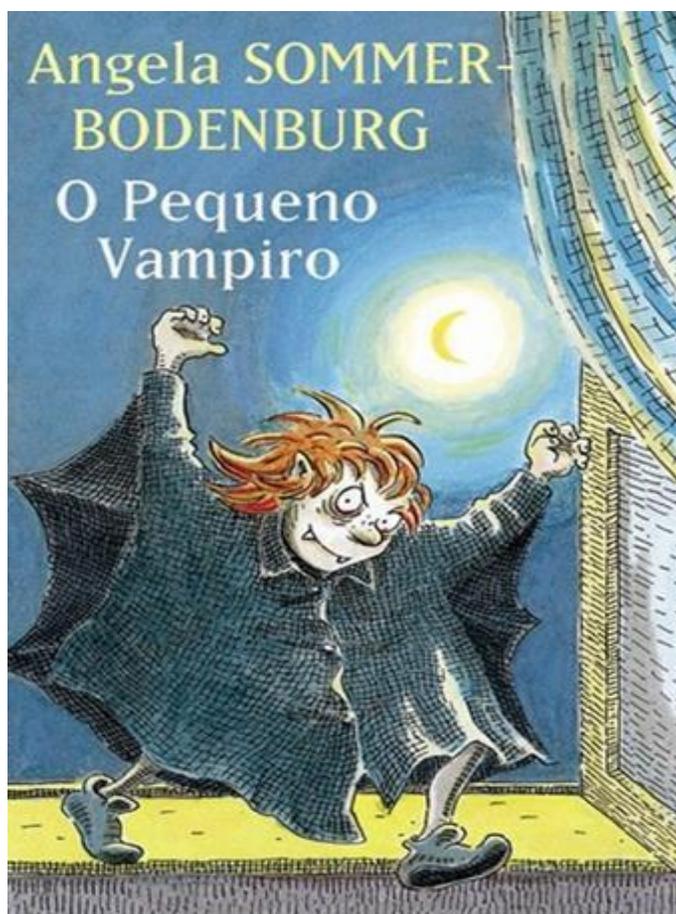
Como pode alguém chamar os livros de Meyer de saga?



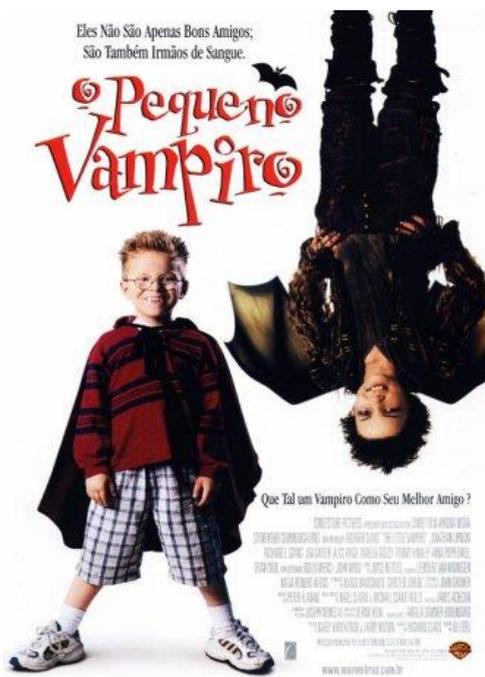
E o vampiro se desdobra infinitamente, citamos alguns: o personagem Zé do Caixão do cineasta brasileiro José Mojica Marins, o *Vampiro de Curitiba* de Dalton Trevisan, o *Vampiro Doidão* de Raul Seixas (*Eu sou o vampiro Doidão/Só faço sexo dentro do caixão/Só chupo sangue de menstruação*), o *Doce Vampiro* de Rita Lee (*Venha me beijar/ meu doce Vampiro/ Na luz do luar*), chega ao Axé baiano numa música intitulada *A dança do Vampiro* ou *A Danação do Vampiro* (*Gatinha põe o dente no pescoço do rapaz/ Na dança do vampiro, você me satisfaz/ Por isso mexe a bundinha...*) Não podemos deixar de citar a magnífica criação de Chico Anysio, Beto Carneiro, *O Vampiro Brasileiro*.

Na Literatura Infanto-juvenil, ou melhor, na literatura escrita para crianças e apreciadíssima por adultos, citamos *O Pequeno Vampiro* da alemã Angela Sommer Bodenburg de 1996, transformado em série de TV em 13 partes, e posteriormente em filme com mesmo nome, lançado em 2000, com orçamento de 22 milhões de dólares, traduzido para mais de 20 línguas.

É o relato divertido entre a amizade do menino Anton, que adora estórias de vampiro, que faz amizade com Rudiger, um vampiro criança de 150 anos, muito simpático.



Abaixo o cartaz da adaptação para o cinema:



Não poderia deixar de citar o Livro *O Chupa Tinta* do escritor francês Éric Sanvoisin, com ilustrações de Martin Matje, publicado em 1996. Este vampiro de 500 anos não mora num castelo, frequenta livraria e tem alergia a sangue, por isto bebe a tinta dos livros. Nome do vampiro: Draculivro.



Por que estes seres encantam tanto? Por que possuem tamanho carisma estes seres que matam e sugam sangue? Claude Lecouteux em *História dos Vampiros*, afirma que o vampiro é um “Cristo negro que pretende dar vida na morte” (1991). Esclarecendo melhor esta frase não é de Lecouteux, mas uma citação direta de C. Michoux do livro *Magie, dent et vampirisme*, publicado em 1987. Se Jesus, filho de Deus, por meio de seu sangue promete a vida eterna, para ser alcançada após a ressurreição, no Julgamento Final, o Vampiro – duplo do demônio – oferece a vida eterna, de imediato a quem ele resolve filiar com seu batismo de sangue profano. Como não se reproduzem (a não ser na saga de Meyer), ao fazer a vítima morrer para esta vida, ao fazê-la sugar o seu sangue, ele lhe dá a vida eterna imediatamente. O vampirizado se torna imortal, embora perca da vida eterna prometida pelo Cristianismo. É um avatar de outro ser supremo, “o sagrado precedido por um sinal ‘menos’: o antdivino sagrado – demônico”, na brilhante definição de Paul Tilich em sua *Filosofia da Religião* de 1925.

O mito sobrevive e o vampiro já está imortalizado na literatura. Talvez porque habite as regiões do Tártaro, o subconsciente de todos nós seres humanos, porque se localize nas bordas, nas beiras, no entre-lugar, entre luz e trevas, não está nem aqui, nem lá, não está morto, mas também não está vivo, não está no céu, nem está no inferno, não é mais homem, mas também não é nenhum deus. Na feliz definição de Marcos Torrigo em *Vampiros – Origens, Lendas e mistérios*, em sua ocorrência pelo Mundo, o vampiro “é um paradoxo primevo a caminhar entre os mundos, um morto-vivo. Outrora homem, agora antideus.” (TORRIGO, 2009, p.10, **negrito nosso**).

O vampiro desconhece limites sexuais, como sua sexualidade está nos caninos e o objeto do seu desejo – o pescoço – é igual nos homens e mulheres – não há necessidade de gêneros, ele rompe com todo status quo. O vampiro não se preocupa com categoria de gênero: Ele pode ser transgênero, trans, transexual, intersexo, agênero, andrógino, cross dresser, drag king, drag queen, gênero fluído, genderqueer, intergênero, neutrois, pansexual, pangênero, terceiro gênero, terceiro sexo, sistergirl e brotherboy. Ele é tudo isto e mais ainda. Para ser destruído, não morto, porque morto ele já foi, já está morto há tempo, precisa ser transpassado por uma enorme estaca, objeto fálico usado pelos caça-vampiros. Esta particularidade tem todo um significado, como sua sexualidade humana foi substituída pela sexualidade dos caninos, ou seja, há troca de um pênis por dois caninos, e como sua sexualidade vampírica é animalesca e insaciável, por vezes, possuindo as pessoas, em forma de animal, para acrescentar à luxúria, o pecado da bestialidade, ele precisa ser destruído por um gigantesco objeto fálico cravado no peito.

O vampiro é isto, o mito é o nada que é tudo, segundo Fernando Pessoa. Acrescentamos que é de todos. Absolutamente ninguém pode patentear o Vampiro e seus hemoderivados, ter os direitos autorais sobre sua figura! O mito do vampiro é uma arca que pode sempre ser saqueada, como caixa de Pandora, sempre trará surpresas. Pertence à história da Humanidade. O homem pode não alcançar a eternidade, mas o vampiro já é eterno.

Sem falar nos vampiros metafóricos, os quais, infelizmente, não estão nas páginas da ficção. Estes como bem afirma Machado de Assis em seu inspirado Sermão do Diabo, vivem embaçando a vida dos outros. Estes seres de carne e osso estão por aí, ao seu lado, ao meu lado, nos espreitando para sugar nossas energias... Contra estes, muito alho, sal grosso, espada de São Jorge e crucifixos... Vá de retro!

NOTAS

¹ Agradeço com muito carinho, especialmente às alunas Thalita Ruko Coelho (Graduação-UFSC), Roberta Martins e Tatiana Brandão Araújo (Pós-Graduação UFSC) e Carol Gomes (Colégio de Aplicação), pelas excelentes ideias trocadas e apresentadas durante as aulas, os debates e seminário ao longo de 2012.

² Indico ao leitor o artigo *A mulher na Humanidade* da autoria do Monge beneditino Julio de Queiroz e meu livro *O Dicionário Machista* (Geração Editorial, 2013)

³ Este conto foi publicado inicialmente na *Gazeta de Portugal*, de Lisboa, em outubro de 1877.

REFERÊNCIAS

AIDAR, José Luiz; MACIEL, Márcia. *O que é vampiro*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos).

ARGEL, Martha & NETO, Humberto Moura (Organizadores). *O vampiro antes de Drácula*. São Paulo: Aleph, 2008.

BODENBURG, Angela Sommer. *O Pequeno Vampiro*. Trad. João Azenha Junior. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COSTA, Flávio Moreira da. *Os 100 melhores contos de crime e mistério da literatura universal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

COUSTÉ, Alberto. *Biografia do Diabo*. Trad. Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1996.

FANU, Sheridan Le. *Carmilla: a vampira de Karnstein*. São Paulo: Hedra, 2010.

KING, Stephen. *Dança macabra*. Trad. Maria Cláudia Santos Lopes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

LECOUTEUX, Claude. *História dos vampiros*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Fund. Ed. da UNESP, 2003.

McNALLY, R; FLORESCU, Radu. *Em busca de Drácula e outros vampiros*. São Paulo: Mercuryo, 1995.

MCNALLY, Raymond T.; FLORESCU, Radu. *Em busca de Drácula e outros vampiros*. Trad. Luiz Carlos Lisboa. São Paulo: Mercuryo, 1995.

MELTON, J. Gordon. *O livro dos vampiros: a enciclopédia dos mortos-*

MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2008.

POLIDORI, John. Vampiro. In: *O vampiro antes de Drácula*. São Paulo: Aleph, 2008.

QUEIROZ, Eça. *O Senhor Diabo*. Disponível em: http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/O_Senhor_Diabo.pdf. Consultado em 15/04/2013.

QUEIROZ, Julio. *A Mulher na Humanidade*. Florianópolis, inédito

RICE, Anne. *Entrevista com o vampiro*. 10. ed. Trad. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

RICE, Anne. *Vittorio, o Vampiro*. Trad. Alberto Lopes. Rio de Janeiro: Rocco: 2000

SANVOISIN, Éric. *O Chupa Tinta*. Trad. Ana Paula Castellani. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Trad. Miécio A. J. Honkins. Porto Alegre: L&PM, 1997.

STOKER, Bram. *Drácula*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

TORRIGO, Marcos. *Vampiros: origens, lendas e mistérios*. São Paulo: Madras, 2002.

<http://www.youtube.com./watch?v=-5TknMjz2h0>

<http://www.youtube.com./watch?v=WWtQUeAKgk>